

It would be no surprise for those familiar with Peacocke's work to learn that this is a difficult and challenging book; it is difficult to follow, sometimes obscure, full of new technical jargon and difficult definitions. However, it should also be of no surprise to learn that this book is wonderfully insightful and full of new and valuable ideas that a review of this size could not do full justice. Overall, this is a major contribution to epistemology.

Centro de Filosofia  
Universidade de Lisboa  
Faculdade de Letras  
Alameda da Universidade  
1600-214 Lisboa

Célia Teixeira  
Dept. of Philosophy  
King's College London  
Strand, London  
WC2R 2LS, UK  
celia.teixeira@kcl.ac.uk

**Thought's Footing: Themes in Wittgenstein's Philosophical Investigations**, by Charles Travis. Oxford: Oxford University Press, 2006, 240 pp, £30.00.

Charles Travis é, entre outras coisas, um conhecido estudioso de Wittgenstein (cf., por exemplo, *The Uses of Sense* (Oxford, 1989) e *Unshadowed Thought* (Cambridge, MA, 2000)), e continua a tomar Wittgenstein como uma referência para a sua abordagem da natureza do pensamento e da linguagem e da relação destes com o mundo. No entanto, Travis cada vez mais se volta também para Frege, o que o faz neste livro procurar ver o Wittgenstein das *Investigações Filosóficas*, «à luz de Frege», i.e. como desenvolvendo posições fregeanas, respondendo a Frege, corrigindo algum ponto de Frege, etc. É este o princípio estruturador de *Thought's Footing*, e acerca dele lê-se na Introdução:

Ao longo desta investigação das *Investigações* segui um princípio metodológico central: se se quer compreender o que Wittgenstein está a querer fazer nalgum ponto das *Investigações*, deve-se sempre olhar para Frege – para a forma como aquilo que Wittgenstein diz pode ser uma reacção a algo que Frege diz (seja para modificar, ou rejeitar). Não avanço nenhuma outra justificação para o princípio a não ser os seus frutos. (p. 1)

O livro surgiu a partir de um conjunto de conferências proferidas por Travis no Collège de France em 2002, e é composto por uma Introdução e seis *Lectures*, com títulos elementares: *Mastery*, *Acquaintance*, *Hardness*, *Determination*, *Transcendence* e *Harmony*. Em termos práticos,

*Thought's Footing* é um guia das *Investigações Filosóficas*, escrito de acordo com o princípio metodológico acima referido, no qual são tratadas questões como sentido e *nonsense*, verdade, jogos de linguagem, seguir regras, pensamentos singulares, leis da lógica, natureza das proposições e conteúdo representacional da experiência. Além de tratar de Wittgenstein e de Frege, Travis expõe também, evidentemente, as suas próprias posições acerca de todos estes assuntos.

O ponto polémico da escolha metodológica que estrutura o livro tem a ver com o seguinte: são muitas as pessoas que pensam que o segundo Wittgenstein deixou de ter sensibilidade para a filosofia, que nada diz de interesse, etc. E essas são pessoas que definitivamente querem saber de Frege, mesmo que não queiram saber de Wittgenstein, sobretudo do segundo Wittgenstein. Daí que Travis considere que é um projecto especialmente interessante mostrar até que ponto o autor das *Investigações* continua a mover-se em território fregiano e a dialogar com Frege. O facto de isto frequentemente passar despercebido mostra, segundo Travis, que o sentido da história da filosofia é bastante pobre na filosofia analítica. Travis pensa que isso não é bom.

Passo em seguida a descrever os pontos principais de cada parte do livro.

Na *Introdução*, Travis caracteriza o problema geral do livro. O problema é «How does thought get its footing?», i.e. como pode o pensamento ser acerca do modo como as coisas são, como é que o facto de pensarmos e dizermos coisas verdadeiras e falsas pode encontrar (ou não encontrar) ancoragem e apoio no mundo. Ora, Travis considera que foi Frege quem definiu, de uma forma que é ainda hoje a mais frutuosa, a maneira como certas questões acerca das relações entre linguagem, pensamento e mundo devem ser colocadas. Como é sabido, a resposta fregiana à questão nuclear do livro, «How does thought get its footing?», é dada em termos de objectos e conceitos. No caso elementar, um pensamento é, segundo Frege, acerca de um objecto e de um conceito para o qual aquele é um argumento; o conceito mapeia o argumento num valor de verdade, e este valor de verdade depende do modo como o objecto é. Ora, para Wittgenstein, os objectos e conceitos da solução fregiana não bastam. De resto, para Travis, a conhecida abertura das *Investigações*, com a citação das *Confissões*, de Santo Agostinho, numa passagem em que este descreve como aprendeu a usar palavras para nomear objectos, tem desde logo uma intenção polémica antifregiana: Wittgenstein quer dizer que aquilo que as palavras nomeiam via objectos e conceitos não é o único factor

determinante de quando as asserções acerca do mundo são verdadeiras ou falsas. Há muitas maneiras de a correcção depender da forma como as coisas são. *Pace* Frege, o paroquial e o entendimento têm, para Wittgenstein, um papel na maneira como o pensamento e a linguagem se relacionam com a forma como as coisas são. Isto significa que, de acordo com Wittgenstein, para lidarmos com o problema *how does thought get its footing?* teremos de considerar aspectos que Frege não quis considerar relevantes, como o tipo de pensador que pensa os pensamentos («paroquial» é definido como um traço da mente ou uma forma do pensamento possuído por um dado tipo de pensador mas não necessariamente por qualquer tipo de pensador, algo que não é requerido para se ser um pensador *tout court* (p. 4)), bem como as consequências de tomar em pensamento o modo como as coisas são («entendimento» é um termo já presente nos escritos anteriores de Travis e que se relaciona com o facto de aquilo acerca de que os nossos conceitos são admitir sempre diferentes formas de ser tomado; alguma coisa representa alguma coisa numa ocasião de uso para alguém e com determinada finalidade, e se se quiser compreender as *condições de correcção* das representações tem de se olhar para tudo isso). Segundo Travis são precisamente estes aspectos que Wittgenstein procura tratar com o conceito de jogo de linguagem. Ao longo do livro, Travis irá explorar de forma mais aprofundada as noções de paroquial e de entendimento para caracterizar a forma como Wittgenstein se posiciona criticamente perante Frege. Ambos os conceitos, o paroquial e o entendimento, procuram captar algo de profundamente estranho à forma de Frege conceber a natureza do pensamento e da linguagem, e o facto de serem essenciais para falar da forma como Wittgenstein continua a tratar os problemas de Frege mostra que Wittgenstein aceitou encarar de frente, ao tratar da questão da correcção em pensamento, coisas que Frege temeu devido a ameaças de idealismo.

Aliás, um outro ponto importante da análise das relações entre Frege e Wittgenstein levada a cabo em *Thought's Footing* é o seguinte: Frege preocupava-se com o empirismo e, de novo, com a ameaça idealista que este trazia. Assim, se Wittgenstein nos permite ver, como Travis defende, que apesar de tudo existe ainda algo de comum a Frege e ao empirismo e que isso é criticável, essa será uma perspectiva especialmente interessante.

O que temos então a esperar neste livro como linha geral de resposta à questão *how does thought get its footing?* Travis anuncia na

*Introdução* que a intenção do livro é seguir Wittgenstein, em termos temáticos mais do que propriamente cronológicos, à medida que este prossegue com uma linha de abordagem fregiana mas ao mesmo tempo introduz críticas que se relacionam com a forma de conceber as «condições de correcção» do pensamento, críticas essas que Travis procurará caracterizar através das noções de paroquial e entendimento. Além do problema geral do livro, Travis apresenta na *Introdução* a distribuição do tratamento deste pelas seis *lectures*. Estas aparecem basicamente como passos na tentativa de compreender o que pode constituir correcção na relação do pensamento com a forma como as coisas são uma vez afastados aqueles pressupostos da abordagem fregiana que Wittgenstein rejeita (Travis afirma repetidamente que não faz sentido considerar que o Wittgenstein das *Investigações* deixou de se preocupar com o que é representar e em que consiste a correcção nas representações).

O teor dos seis capítulos é o seguinte. O primeiro capítulo, *Mastery*, tem por referência os parágrafos 1 a 25 das *Investigações*, onde é introduzida a noção de jogos de linguagem. Parte do seu intuito é mostrar o propósito de introduzir tal noção. Para Travis, o propósito é mostrar que pode haver espaço para o paroquial quando procuramos compreender como é possível as coisas terem sido descritas correcta ou incorrectamente. O facto de o paroquial ser relevante não elimina a possibilidade de correcção e incorrectação na representação; pelo contrário Travis defende, a partir de Wittgenstein, que sem o paroquial não poderia sequer haver juízo, i.e. possibilidade de pronunciamentos susceptíveis de serem verdadeiros e falsos acerca do modo como as coisas são. Esta tese, claramente antifregiana (para Frege, o paroquial pura e simplesmente impediria a existência de juízos) é defendida discutindo, para o rejeitar, um princípio de Michael Dummett. Trata-se do princípio de acordo com o qual qualquer habilidade prática (nomeadamente conhecer uma língua) pode ser representada em termos de conhecimento proposicional. Sendo certo que a entrada do paroquial convoca ameaças idealistas, parte do projecto de Wittgenstein deverá então consistir em resistir a estas ameaças.

O Capítulo 2, *Acquaintance* («contacto»), tem por referência os Parágrafos 33 a 64 das *Investigações* e trata do problema dos pensamentos singulares colocado por Russell nos seus escritos sobre atomismo lógico. Pensar um pensamento singular é estar ligado a um determinado indivíduo no mundo de uma forma tal que não se identifica com a satisfação de um conceito por esse indivíduo: como será isso possí-

vel? Segundo Travis, a solução de Russell para o problema dos pensamentos singulares não funciona, mas o problema é relevante: a questão está em saber o que há de errado com o pressuposto do tratamento russelliano. Travis admite que pensamos pensamentos singulares e que reconhecemos os casos em que o fazemos e procura desenvolver uma posição acerca de quando o fazemos e como é isso possível em torno da forma como a questão é tratada nas *Investigações*. Nas *Investigações* a questão conduz à introdução da noção de semelhança de família, e o seu tratamento termina com um olhar sobre a forma como Russell colocava o problema em 1918.

O Capítulo 3, *Hardness*, centra-se no comentário aos parágrafos 89 a 114, e compara a visão da natureza da lógica em Wittgenstein anteriormente à *Gramática Filosófica* com a visão desenvolvida nas *Investigações*. Por trás da alteração das convicções de Wittgenstein acerca da natureza da lógica estiveram, segundo Travis, dúvidas acerca da noção de proposição. Wittgenstein defende que a noção de proposição tem de se tornar mais determinada antes de ter propriamente uma extensão, e que a determinação em falta deve provir de uma linguagem (no âmbito da qual é alguma coisa ser uma proposição). A visão da natureza da lógica que a partir daqui virá a erguer-se é, também ela, muito pouco fregiana. Em geral, Wittgenstein não aceita as ideias de Frege segundo as quais (i) todos os pensamentos pertencem ao mesmo sistema de pensamentos, sendo as leis da lógica as leis desse sistema, (ii) as leis da lógica não são acerca das mentes mas «da mente». É a partir da rejeição destas posições fregianas que Wittgenstein formula, ao longo de um percurso que culmina nas *Investigações*, uma perspectiva totalmente diferente do modo como as leis da lógica se relacionam com as coisas que pensamos, perspectiva que Travis procura caracterizar. As ideias básicas são que um cálculo lógico deve ser tratado como um jogo de linguagem, um objecto de comparação, e que a lógica não trata da linguagem e do pensamento da mesma forma que uma ciência natural trata um fenómeno natural.

O capítulo 4, *Determination*, foca duas discussões acerca de seguir regras que ocorrem nas *Investigações* nos parágrafos 84–87 e 138–242. O objectivo é compreender a natureza da significação, do entendimento, do pensamento e do dizer linguístico. Em suma, da representação de alguma coisa. Uma ideia central é que o entendimento consiste em parte em pensamentos singulares. Este tema virá a ser crucial mais à frente no livro quando se tratar da natureza da experiência.

O Capítulo 5, *Transcendence*, é sobre a nova visão nas *Investigações* (relativamente à visão do *Tractatus*) daquilo que constitui *nonsense* ou sem sentido. No *Tractatus* a ideia era que há *nonsense* quando as palavras não conseguem desempenhar quaisquer papéis lógicos que tornam o sentido possível. A nova concepção virá agora a ser ligada à ideia de que o nosso sentido do que é ou não é uma proposição não é criticável a partir do exterior.

O capítulo 6, *Harmony*, oferece uma perspectiva global daquilo que foi tratado, i.e. do que é, para o pensamento, harmonizar-se com a realidade. Um par de ilusões é analisado: a primeira é acerca de representação e verdade, a segunda acerca da experiência. Quanto à representação, a ilusão manifesta-se numa visão deflacionária da verdade; quanto à experiência, a ilusão manifesta-se na ideia de conteúdo representacional da experiência. Travis procura explicar por que pensa que se trata de ilusões e também explorar o que as duas têm em comum.

Este é um livro importante não apenas por apresentar uma nova interpretação de Wittgenstein e uma leitura das *Investigações* por um especialista no autor, mas sobretudo no que diz respeito à história da filosofia analítica e à importância de um núcleo matricial desta – Frege e Wittgenstein – para tratarmos hoje de questões relativas à natureza do pensamento e da linguagem. Se Travis for bem-sucedido em *Thought's Footing*, ele mostra que Wittgenstein não passou a ter maus problemas de repente: nos seus últimos trabalhos Wittgenstein está a desenvolver pontos que estão em Frege, e está a fazê-lo de uma forma que torna por exemplo interessante olhar para a constelação Frege-Brentano-Husserl e procurar descobrir aspectos a respeito dos quais a filosofia analítica não está assim tão longe da tradição continental. Um importante ponto de conexão é o facto de para Husserl a representação não ter necessariamente forma proposicional. Compreender o que é afinal ter forma proposicional, e o que tem e o que não tem de ter forma proposicional é um desejo que está por trás do interesse de Travis na abordagem fregiana do pensamento, do juízo e da verdade em *Thought's Footing*. Mais exactamente, Travis interessa-se pelo modo como Frege direcciona a análise daquilo que de facto tem de ter forma proposicional, e pela crítica que Wittgenstein faz a esse direccionamento, continuando sempre a tê-lo como referência.

*Thought's Footing* aparece como prova de que a filosofia de Travis está a ficar mais historicamente baseada, e de que essa inflexão produz uma muito interessante revisão de problemas e autores nucleares da

filosofia analítica. A obra mostra também que Wittgenstein continua a ser um ponto de partida valioso para tratar a natureza da linguagem e do pensamento, mesmo que o nosso principal propósito em filosofia não seja de todo histórico.

Sofia Miguens  
Departamento de Filosofia  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Via Panorâmica, 4150-564 Porto, Portugal  
smiguens@letras.up.pt